

Fafá de Belém



VERMELHO, VERMELHAÇO

A cantora que tem o coração na boca está em Portugal. A 'menina de rua' de gargalhada fácil fala da carreira, das paixões e daquilo que não perdoa. "O homem que me traiu, eu dou porrada"

Texto de e fotos de JOSÉ MANUEL SIMÕES

O corpo é reconhecido com expressões que definem sentimentos. Fafá de Belém, um pouco delirante talvez, vai desabafando um tom carregado e sensual. A boca enorme, as mãos decididas, a gargalhada contagiante, a mesma mania de tirar proveito dos fatos seus com naturalidade e humor: Uma figura ímpar de metro e setenta, que come e bebe sem peso na consciência, agora moldada com bastantes menos quilos que os 100 que já teve. É esta brasileira que esteve em cima do palco do Coliseu de Lisboa, na passada semana, que ontem (en)cantou o



Casino da Póvoa a ponto de repetir a dose amanhã.

Fafá tem uma natureza delicada, sensível e frágil, mas é ao mesmo tempo forte e selvagem. É extremamente independente - "que é difícil o relacionamento amoroso", mas continua a ser "a mesma namorada de sempre". Por vezes, sente-se só mas nunca deixa de ser "uma eterna apaixonada" que gosta de homens "meigos, sensíveis e compreensivos".

Desfilando confissões talhadas na convivência de quem se conhece há mais de uma década, Fafá confessa que dentro de si "existe um homem enorme, porque quando falta um macho eu sou mais ma-

cho que qualquer um. Se for preciso quebro as janelas, quebro a casa e depois a gente conversa. Mais, se o homem me traiu eu dou porrada", diz entre mais uma estridente gargalhada. "No fundo, a minha alma cigana e peregrina é tão irregular quanto o Brasil. Sou como uma menina de rua que foi muito machucada pela vida mas que nunca abriu mão dos seus objetivos. É, por isso, que se tiver que arrombar porta, eu arrombo. Porque se eu não arrombar vai-se criando uma represa que na hora de reabrir vai ser muito mais complicado. Se tiver que quebrar eu quebro mesmo."

FUNERAL AO SOM DE SINATRA Conta histórias de uma vida preenchida, deixa os olhos marejarem-se de água pela emoção transbordante das saudosas memórias do pai e da sua morte ao som de Frank Sinatra. "No dia do funeral coloquei no toca-discos 'New York' e muita gente ficou chocado. Só permaneceu dentro de casa quem gostava mesmo de Seu Fi Fi, o meu pai que nasceu minhoto. O pior é que, depois, fiquei muito deprimida. Deu-me vontade de fugir. Senti-me só e triste".

É curioso que essa dor tenha acontecido no mesmo ano em que cantou para o Papa. "Esse momento, o mais deslumbrante da minha carreira; inesquecível. No fundo, representei o Brasil perante o mundo religioso, numa grande festa euménica. O Maracanã encheu-se com 120 mil pessoas e eu, Fátima, nome que meu pai me colocou em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, cantei 'Ave Maria' como quem transforma um samba canção numa prece."

A história musical de Maria de Fátima Palha Figueiredo começa aos 15 anos, em Belém de Pará. Dois anos mais tarde, a cantora, que já então utilizava o nome artístico de Fafá de Belém, resolve partir pelo Brasil abaixo até ao Rio de Janeiro, onde viria a fazer sucesso quando passou a ser conhecida como a "voz da Nova República". Uma voz que, pouco tempo depois, em Portugal, a convite de Mário Soares, se assumiu publicamente em seis concertos do Partido Socialista. "Aceitei, sensibilizada, porque

ANATOMIA DE UM MITO

Data de nascimento: 9 de Agosto de 1956

Local: Hospital da Beneficência Portuguesa, Belém, Pará, Brasil

Filiações: Joaquim de Oliveira Figueiredo ('Sau Filiz') e Enéida Moreira da Moura Palha Figueiredo

Gostos: Robos de seda, viajar
Bebidas: Champanha, vinho tinto e 4 litros de água por dia "para manter a minha pele de bebé"

Pratos: "Só não como ra que é feio. Não gosto de nada congelado. Não como, nunca, 'fast-food'. Prefiro um copo de vinho tinto e um prato com queijo e azeitonas."

Carros: "Não sei conduzir nem bicicleta. Se tivesse seria um Jaguar"

Sigilo: Leão com ascendente em Balança e Lua em Virgem

Qualidades: "Franzeira, que às vezes é o maior defeito, amizade e desapego material"
Defeitos: "Franzeira e cobrança de reciprocidade"

Cor: Amarelo, dourado, vermelho, branco, preto, azul. "O vermelho dá-me sorte, o dourado ilumina-me, castanho e preto dão-me alegria"

Ambição: "Não tenho. Não quero perder a vontade de fazer algo melhor. Sou batalhadora"

Adoração: Música

Mistério: Todos

Medo: Da morte

Exigência: Todas. Carácter e dignidade

Cor dos olhos: Castanhos

Cor do cabelo: Castanho

Desporto: Natación, Corrida dentro de água, mergulho com garrafa

Estudos: "Fui até às portas do vestibular. Na vez de fazer faculdade de Psicologia, fui para a música"

Primeira canção interpretada: "Eu e a Brisa" de John Allil

Primeira canção gravada: Filho da Baha, de Walter Quaresima - tema da novela 'Dabrielia, Cravo e Canela'

Cantor preferido: Agora, Rod Stewart"

Sonhos pessoais: "Que os homens se entendam. Que a sociedade se articule mais e se torne mais sensível. Paz entre os homens"

Sonhos profissionais: Fazer cinema

UMA VIDA EM DISCOS

- 2002 - O canto das águas
- 2002 - Piano e voz
- 2000 - Maria de Fátima Palha de Figueiredo
- 1998 - Coração brasileiro
- 1998 - Milenium
- 1997 - Avé Maria
- 1996 - Pássaro sonhador
- 1996 - Obras primas
- 1995 - Fafá ao vivo
- 1995 - Série aplauso Fafá de Belém
- 1994 - Cantiga p'ra ninar meu namorado
- 1993 - Do fundo do meu coração
- 1992 - Meu fado
- 1991 - Doces palavras
- 1990 - Minha história
- 1989 - Fafá
- 1988 - Sozinha
- 1988 - Personalidades
- 1987 - Grandes amores
- 1986 - Atrevida
- 1985 - Aprendiz da esperança
- 1983 - Salinas
- 1982 - Essencial
- 1980 - Crença
- 1979 - Estrela radiante
- 1978 - Banho de cheiro
- 1977 - Água
- 1976 - Tamba Tajá



As diferentes fases do "camaleão macho", expressão que caracteriza Fafá de Belém. Segundo diz a própria nesta entrevista ao Domingo Magazine



a ideia partiu de um político que sempre admirei."

A TRAVESSIA DO DESERTO Antes da travessia do mar, "a travessia do deserto que durou dois longos anos". É que "a minha editora fez tudo para me destruir mas não conseguiu", explica. Canções como 'Bilhete' e 'Filho da Bahia', tema que fez

"Se não for personagem da letra, não consigo interpretar. Sou um 'dramalhão', uma apaixonal. Quem me vê cantando não sabe nada de mim"

sucesso na telenovela 'Gabriela', "ajudaram-me a superar esses tempos difíceis. Foi muito duro. Mudara-me para São Paulo, tivera a minha filha, Mariana, divorci-me e olhava-me ao espelho e via uma gorda 'sexy' com enormes olheiras".

Foi assim até gravar 'O fado', "um dis-

co que fiz com ousadia e que considero primoroso e em que, para além de ter redescoberto a língua portuguesa, dei uma sacudida geral na minha cabeça".

Fafá adora falar, quase não espera pelas perguntas, a cassette já rodou dos dois lados esta vida que dava um livro. "Tal como Portugal e a Amazónia, também eu me sentia vítima da opressão. Opressão

da minha empresária que estava a comandar a minha vida, da crítica que começava a dizer mal de mim, das próprias circunstâncias". Estávamos em 1993, novo ano de crise para a cantora que culmina com mais um divórcio.

Hoje Fafá está mais bonita, mais se-

rena, menos impulsiva. Parece conciliada com as suas "falhas, inquietações, loucuras ou ousadias". Tornou-se livre, independente, "para não virar fantoche nas mãos de todo o mundo".

Agora vê-se "como um camaleão, como uma mulher mais madura e sóbria, como uma cantora dos grandes amores, das perdas e dos reencontros. Se a música não me arrepiar não gravo. Se não for personagem da letra, não consigo interpretar. Sou um 'dramalhão', uma apaixonal. Quem me vê cantando não sabe nada de mim". Não sabe que esta mulher que virou marca da alegria e da liberdade, enrola a língua, é meia gaga e tem a alma frágil e delicada. "Sempre transei minhas crises, vivi minha vida, batalhei demais e dei muito murro em ponta de faca para chegar onde estou". ■